



Atividades de formação para o trabalho com migrantes e refugiados surdos em Roraima: experiências do programa de extensão MiSordo

Thaisy Bentes¹, Adriane Melo de Castro Menezes²

¹Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará;

²Instituto Insikiran da Universidade Federal de Roraima

e-mail: thaisy.souza@ufopa.edu.br

Resumo

Neste trabalho, apresenta-se as ações e reflexões sobre o projeto de extensão, “Formação para o trabalho com migrantes e refugiados surdos” que integra o Programa de Extensão Migrante Surdo (MiSordo), da Universidade Federal de Roraima. Como projeto extensionista objetiva estabelecer a conexão dos conhecimentos produzidos na universidade com a comunidade local. Nesse sentido, as ações de formação do projeto priorizam o saber existente da comunidade, no caso, a comunidade migrante e refugiada surda venezuelana e suas demandas de atenção nos aspectos de acesso aos direitos humanos e de bem-estar socioafetivo e econômico. Na mesma direção, a formação de agentes humanitários, de tradutores e intérpretes de língua de sinais possibilitam e garantem, em certa medida, a condução de uma relação política com os setores da sociedade civil, instituições de

migração e governo local para a maior inclusão social destes sujeitos.

Palavras-chave: migrantes; surdos; comunidade.

Resumen

En este trabajo se presentan las acciones y reflexiones sobre el proyecto de extensión universitaria, “Formación para el trabajo con sordos migrantes y refugiados”, que integra el Programa de Extensión Migrante Sordo (MiSordo), de la Universidad Federal de Roraima. Como proyecto de extensión, pretende establecer una conexión entre el conocimiento producido en la universidad y la comunidad local. En este sentido, las acciones formativas del proyecto priorizan los conocimientos existentes de/ en la comunidad, en este caso, la comunidad venezolana sorda migrante y refugiada y sus demandas de atención en aspectos de acceso a los derechos humanos y bienestar socio-afectivo y económico. En la misma dirección, la formación de agentes humanitarios, traductores e intérpretes de lengua de señas posibilita y garantiza, en cierta medida, la conducción de una relación política con sectores de la sociedad civil, instituciones de migración y gobierno local para una mayor inclusión social de estos sujetos.

Palabras clave: migrantes; sordos; comunidade.

A crise na Venezuela, acentuada a partir de 2016, trouxe grandes impactos para o Brasil, principalmente para o estado de Roraima, que sendo fronteira direta pelas cidades de Pacaraima e Santa Elena de Uarén foi a principal porta de entrada dos refugiados do país vizinho. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde declarou emergência sanitária provocada pela disseminação do novo coronavírus como uma pandemia. A pandemia provocada pelo vírus Sars-CoV-2 (COVID-19) obrigou diversos países a buscarem estratégias de contenção da doença. No Brasil, dia 17 de março de 2020, o Ministério da Saúde decretou novas medidas de prevenção como o uso de máscaras e distanciamento social. Com isso, escolas e universidades pararam suas atividades e medidas de continuação das aulas foram sendo planejadas a partir das tecnologias.

Com a autorização do Ministério da Educação (MEC) para a substituição de aulas presenciais por virtuais, a Universidade Federal de Roraima (UFRR) retomou suas atividades lançando o Programa “UFRR no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus”, com uma chamada pública para composição de para

projetos e ações de extensão voltados às comunidades mais vulneráveis diante da emergência sanitária¹.

Antes disso, a parceria da Pastoral do Surdo de Boa Vista e da Associação de Surdos de Roraima com o Curso Letras Libras Bacharelado da UFRR desenvolvia ações de acolhimento e inserção social de surdos migrantes participantes das ações da Igreja Católica, em Roraima. Com a pandemia, as atividades da Igreja foram suspensas. Assim, a chamada da UFRR proporcionou a criação do projeto “Rede de Colaboradores: acessibilidade linguística a migrantes surdos no período de pandemia”. Com o aumento das demandas, foi necessário a criação de um Programa, ainda em 2020, que vislumbasse amenizar as lacunas sócio-políticas urgentes devido a situação de grave vulnerabilidade social da comunidade surda venezuelana no estado. Nessa emergência, foi criado o programa de apoio a migrantes e refugiados surdos (MiSordo). O programa foi rapidamente expandido com o auxílio das tecnologias de comunicação com a colaboração

1. Mais informações disponíveis em: <https://ufrr.br/ultimas-noticias/6259-ufrr-realiza-projeto-de-enfrentamento-a-pandemia-covid19-2>.

de pessoas de outros lugares do Brasil e de outros países. (BENTES, TEÓFILO, PAIVA, 2020).

Um das frentes de atenção do Programa é a oferta de conhecimento sobre as especificidades da situação dessa parcela de migrantes e suas questões de acesso aos direitos humanos linguísticos. Nesse contexto, para tentar responder a essas questões e dialogar com a sociedade em busca de inserção social para o grupo, o projeto “FormAção para o trabalho com migrantes e refugiados surdos no Brasil” foi criado no início de 2021.

É nessa realidade que este relato traz a descrição das ações formativas do projeto, apresentando o cenário complexo de atuação e refletindo sobre como as ações-diálogos tem contribuído para a inserção do tema nas pautas acadêmicas e vislumbrado uma discussão nas políticas públicas, principalmente as políticas migratórias e o estabelecimento do diálogo ensino-extensão na formação de alunos do curso de tradução e interpretação de Línguas de Sinais. Assim, as seções trazem a descrição das ações para três públicos-alvo prioritários: agentes comunitários, tradutores/intérpretes e comunidade surda venezuelana. Bem como as perspectivas e abordagens metodológicas das ações desenvolvidas no âmbito do programa MiSordo e as considerações sobre o impacto no estado de Roraima.

Ações formativas e as metas do Programa MiSordo

Entendendo que a extensão universitária “procura contribuir com uma melhoria da qualidade de vida e um aumento da justiça social em nosso país” (PEREIRA, 2013, p. 12), o projeto FormAção para o trabalho com migrantes e refugiados surdos, doravante FormAção, tem objetivado criar espaços de conhecimentos e também dar espaço a divulgação de uma área pouco conhecida - a

interpretação comunitária, como também inserir o tema nas áreas historicamente atreladas à migração como, por exemplo, o Direito, as Relações Internacionais e a Assistência Social, entre outros.

Nessa linha, o Programa MiSordo possui várias frentes de trabalhos, sempre demandado pelas necessidades das próprias comunidades envolvidas. Todas as ações correspondem ao envolvimento do acolher, escutar e apoiar o estabelecimento no Brasil e a garantia de acesso aos direitos humanos do grupo de surdos em condição de maior vulnerabilidade. O projeto de FormAção vai ao encontro dessa parcela de migrantes em busca dar visibilidade e colaborar com as possibilidades de (des)construção sobre esses sujeitos na sociedade, começando pela inserção nas discussões acadêmicas formais.

Nesse viés, ações aventadas tem se inclinado em trazer à tona a necessidade de um olhar específico para uma comunidade linguística em situação de maior vulnerabilidade e pôr em voga os meios de acolher atuais das agências de migração internacionais. Assim, o projeto objetivou promover ações que provocassem maior participação social e acesso aos direitos para surdos venezuelanos, por meio da oferta de cursos, minicursos e oficinas de línguas de sinais, identidade, cultura surda e direito internacional e do diálogo com agências, grupos e instituições que trabalham no cenário das migrações internacionais. O projeto buscou ainda atender os aspectos formativos e promover conhecimento ao inserir as discussões em diferentes setores e áreas do conhecimento.

A caracterização das ações formativas tem foco nos três grupos mais envolvidos nas frentes de trabalho, são eles: Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais-TILS, agentes humanitários (trabalhadores das agências de migração internacional, das ONGs e das instituições religiosas que prestam serviços a migrantes) e, claro, a

própria comunidade surda venezuelana (e a brasileira de certo modo), como apresentamos na Tabela 1.

que chegam são usuários da LSV².

As iniciativas do projeto, como apresentadas na

PÚBLICO-ALVO	AÇÃO	
TILS	Curso interpretação comunitária para migrantes e refugiados	Seminário o MiSordo
	Rodas de conversas/Palestras	
	Encontros de relações humanas e saúde mental	
	Curso de tradução acadêmica	
	Cursos de migração, refúgio e direito internacional	
Comunidade surda migrante	Cursos de Libras como língua de acolhimento	
	Encontros de relações humanas e saúde mental / Espaço de escuta	
	Projeto espaços seguros para mulheres	
Agentes humanitários e sociedade em geral	Cursos de Libras	
	Cursos de LSV	
	Minicurso migrantes surdos: línguas, identidades e diferenças em situação de refúgio	
	Minicurso Línguas de Sinais, migração e fronteiras	
	Minicurso Educação intercultural e translinguagem na/da perspectiva de migrantes surdos em sala de aula	
	Minicurso Interpretação Comunitária: uma prática política e social de mediação linguística	
	Minicurso Políticas Linguísticas para as comunidades surdas e as Línguas de Sinais	

Tabela 1, vislumbram promover o diálogo com a comunidade migrante à medida que as relações de acolhimento aconteciam. Cabe ressaltar que algumas ações foram ofertadas por projetos parceiros como, por exemplo, o curso Migração, refúgio e direito internacional foi ofertado pelo Grupo de Assessoria a Imigrantes e Refugiados (GAIRE), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o curso Tradução Acadêmica ofertado pelo

Tabela 1. Público-alvo e ações desenvolvidas 2021-2022. Fonte: MiSordo (2022)

Diante do exposto, compreendendo que os surdos venezuelanos ao fazerem parte de uma minoria linguística e cultural, chegam ao Brasil com sua língua e cultura acentuada pelas vulnerabilidades própria dos processos migratórios e as decorrentes da imagem enquanto considerados pessoas com deficiência. Muitos surdos venezuelanos são usuários da Língua de Sinais Venezuelana - LSV. Em sua maioria, a LSV figura como primeira língua e o espanhol escrito como segunda ao passo que nem todos

Programa Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais na esfera jurídica (TILSJUR)³, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Nas seções seguintes detalhamos cada ação realizada em diálogo com os saberes produzidos pelo público envolvido.

2. Cabe ressaltar que nem todos os surdos venezuelanos que chegam ao Brasil sabem a LSV ou o Espanhol escrito. Há surdos, como alguns participantes da oficina de Libras realizada no PTRIG, que não sabiam a língua de sinais e oralizavam algumas palavras em Espanhol e outros que utilizavam sinais caseiros. Neste mesmo curso, participou uma mãe e sua filha. Elas haviam criado um sistema de códigos entendido somente por elas. A filha ouvinte interpretou a oficina para a mãe surda no sistema por elas criado.

3. Recomenda-se ver as demais ações promovidas pelos projetos parceiros em: <https://tilsjur.paginas.ufsc.br/> e <https://www.ufrgs.br/gaire/>.

Formações para Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais

A iniciativa de um projeto voltado a comunidade surda venezuelana foi inicialmente idealizada por discentes do curso de Letras Libras Bacharelado da UFRR, em atenção às demandas de acesso à informação dificultadas ainda mais pela pandemia⁴. Desde os primeiros momentos de realização do projeto, os desafios diante das línguas e das situações relacionadas à migração que foi se percebendo estar diante de um campo de atuação que a graduação (formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português) não previa. (BENTES, ARAÚJO, 2021).

Com isso, entender sobre os aspectos de refúgio, migração e direito internacional, bem como a língua da comunidade migrante foram as primeiras situações a serem investigadas pela equipe do programa. Para tentar dar conta e refletir sobre as situações próprias da tradução e da interpretação diante de um cenário novo, foram organizadas **rodas de conversas/palestras** com projetos de extensão universitária que já discutiam sobre tais questões.

Assim, o programa de extensão TILSJUR e o Projeto Mobilang⁵, da Universidade de Brasília-UnB, foram convidados para dialogar com a equipe sobre suas experiências. Houve também uma roda de conversa com a representante do Centro de Migrações e Direitos Humanos – CMDH sobre acolhimento de migrantes venezuelanos. Foram as primeiras ações em formato remoto, pelas plataformas virtuais de acesso gratuito.

Em pouco tempo os desafios se ampliaram. A equipe do projeto, principalmente, alunos

em formação começaram a relatar diariamente angústias em relação às situações de falta de alimentação, moradia, não acesso às informações sobre o sistema de saúde e perspectivas de inserção laboral que os surdos migrantes enfrentavam. Tal sentimento diante dos complexos problemas contextuais, favoreceu a parceria com o Curso de Psicologia da própria UFRR. As ações pensadas em conjunto com o professor do curso parceiro tiveram suas bases na psicologia coletiva. **Encontros de relações humanas e saúde mental** foram pensados como ação para os participantes do Programa. Os encontros aconteciam de forma virtual e tinham uma metodologia pautada no diálogo coletivo.

De igual modo, as angústias dos discentes e colaboradores em relação às línguas e as questões próprias que competem a atuação como tradutores e intérpretes impeliram a parceria com o Projeto Mobilang. Foi então realizado o **Curso interpretação comunitária para migrantes e refugiados**⁶. O curso pode ser considerado como um marco na formação de TILS em contexto de fronteira e migração.

Cursos básicos e intermediários de LSV (melhor descritos na seção seguinte) também fizeram parte do rol de aprendizagens demandadas pela equipe. Por meio das parcerias estabelecidas foi possível também receber cursos idealizados exclusivamente para a equipe do Programa. O curso intitulado **Migração, refúgio e direito internacional** oferecido pelo Grupo GAIRE e o **Curso de Tradução Acadêmica** ofertado pelo Programa TILSJUR são exemplos.

Ações possíveis pela viabilidade tecnológica forçada pela pandemia do coronavírus, tendo em vista que o projeto, criado metodologicamente para atendimentos remotos, oportunizou aos surdos o acesso à informação em locais que não

4. A iniciativa surgiu a partir das experiências dos estágios obrigatórios realizados no contexto religioso, no âmbito da Pastoral do Surdo de Boa Vista, onde os alunos puderam ver as necessidades dos migrantes atendidos pela instituição.

5. Mais informações sobre o projeto podem ser encontradas no site: <http://www.mobilang.unb.br>.

6. Live de finalização do curso com apresentação dos resultados disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qdEt50TRPsw>. Aproveitamos para agradecer o empenho dedicado a realização do curso pela professora Jaqueline Nordin.

seria possível ir presencialmente. Sobre isso, vale destacar o aplicativo de mensagem WhatsApp como meio possível de interlocução entre TILS e surdos por meio de chamadas de vídeos e envio de vídeos curtos foi possível atender demandas emergências em locais como hospitais, delegacias e em outros estados brasileiros.

Ao mesmo tempo em que alunos em formação e aprendizes das Línguas de Sinais estavam demandando ações específicas como as apresentadas nesta seção, os surdos venezuelanos solicitaram e necessitavam aprender as línguas nacionais, assim como os agentes humanitários necessitavam das Línguas de Sinais para se comunicarem.

Formações para agentes humanitários

Nesse rol de desafios, a equipe do Programa MiSordo era impelida pelas ONG's e agências parceiras ao ensino e aprendizagem das línguas. Assim, em parceria com o curso Letras Libras da Universidade de Brasília foram ofertadas quatro turmas do básico de Libras (Imagem 1) tendo como público-alvo agentes

das instituições de migração. Os cursos de LSV (Imagem 2) tiveram o objetivo de aproximar as pessoas em geral à comunidade migrante venezuelana e incentivá-las a conhecer uma nova língua de sinais para o desenvolvimento do interesse em se comunicar com os surdos que 'moram' no Brasil.

Ainda na dinâmica motivada pelas demandas de conhecimento sobre as particularidades dos migrantes surdos para um melhor atendimento, o projeto organizou dois minicursos. O primeiro, o minicurso **Migrantes Surdos: línguas, diferenças e identidades em situação de refúgio**, ofertou quatro turmas para ONGs de apoio a migrantes em Roraima. O segundo, o minicurso **Línguas de Sinais, migração e fronteiras** foi transmitido pelo canal do youtube do Programa⁷, pois o número de inscrição superou as expectativas e não seria possível pela plataforma *google meet* na versão gratuita.

Na perspectiva dessas iniciativas, foram pensados mais três minicursos. O minicurso **Interculturalidade na perspectiva em sala de aula, Interpretação Comunitária: uma prática política e social de mediação linguística e o minicurso Políticas linguísticas para as comunidades surdas e as línguas de sinais**. Todos os minicursos estão disponíveis no canal do YouTube do Programa.

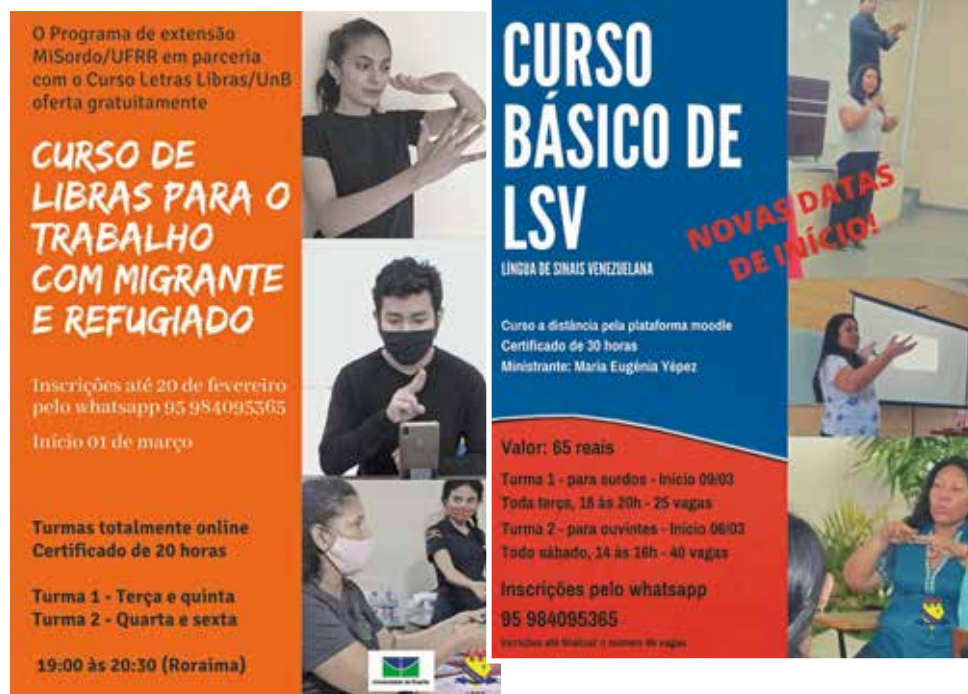


Imagem 1 e 2 – Cartazes de divulgação dos cursos
Fonte: arquivos do Programa MiSordo (2020)

7. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cNSjC_mUOiM&t=273s.

Nessa confluência entre as necessidades trazidas pela sociedade, o Seminário MiSordo⁸ culminou com os objetivos e metas trazendo temas pertinentes às questões ora em debate. Nas pautas estão a presença de surdos migrantes e pesquisadores surdos nacionais e internacionais, bem como o registro das ações voltadas exclusivamente para eles, como apresentado a seguir.

Formações para a comunidade surda

A pedido da Pastoral Universitária que também atende surdos nas questões de regulação migratória e interiorização, foi ofertada uma turma do **Minicurso de Libras**. O minicurso aconteceu dentro do Posto de Triagem da Polícia Federal-PTRIG. Participaram dez surdos venezuelanos. Foi a primeira ação presencial realizada durante a pandemia, pois os surdos migrantes não possuíam telefones com acesso à internet para a participação remota. Nessa ação contamos com professores surdos da Associação de Surdos de Roraima. Foi um verdadeiro desafio pensar em uma metodologia de ensino para um trabalho pioneiro, ensinar Libras para surdos de outro país.



Imagem 3 e 4 – Curso de Libras para surdos venezuelanos
Fonte: arquivos do programa MiSordo (2020)

O minicurso foi ponto de partida para a instituição de uma formação que viabilizasse a Libras como língua de acolhimento.

A partir dessa experiência surgiu a parceria para a oferta do **Curso de Libras como língua de acolhimento**, fomentado pela ONG Visão Mundial⁹, e implementada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial-SENAC, parceria captada a partir da divulgação das ações do Programa nos meios digitais, foi o primeiro passo na articulação de uma proposta de inserção laboral.

Com a ampla divulgação das ações nas mídias sociais do estado, recebemos o apoio da ONU Mulheres para a colaboração de ações voltadas ao empoderamento da mulher. O projeto nominado **Espaços Seguros** foi desenvolvido no final de 2020 de forma semipresencial e tinha como objetivo criar um espaço de diálogo e proteção para as mulheres surdas migrantes. Participaram cerca de 20 mulheres surdas, divididas em dois grupos de 10 mulheres para a realização de oficinas. Os encontros aconteciam nos espaços da UFRR duas vezes por semana. As oficinas foram importantes para se sentirem valorizadas e saberem que não estão sozinhas num país ainda desconhecido, segundo relato de algumas das participantes.



8. As mesas e palestras das duas edições do Seminário estão disponíveis no canal do Youtube do Programa MiSordo.

9. Mais informações disponíveis em: <https://visaomundial.org.br/noticias/projeto-ven-tu-puedes-atende-a-comunidade-surda-de-refugiados-e-oferece-curso-de-libras-para-integrar-venezuelanos-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 03/03/22.

Por último, destacamos a criação da ação **Espaço de escuta para surdos**, em parceria com o Curso de Psicologia da UFRR. O espaço de escuta foi o ponto de encontro mais importante com os surdos, uma vez que ações presenciais foram suspensas. Os encontros aconteciam uma vez por semana pela plataforma *google meet*. Duravam entorno de uma hora e não havia roteiro. Surdos e ouvintes sinalizantes participam e as temáticas das conversas surgiam espontaneamente. O acolhimento acontecia à medida que nos propomos a ouvi-los em sua língua materna e eles aos compartilharem suas histórias. Nessa ação, a internet foi o maior entrave. Havia muito ruídos e perdas nas mensagens, porém, mesmo assim, foi possível notar quanto o espaço teve valor na interação programa-usuários e na intenção de um espaço de saúde mental.

Vale mencionar que no contexto de pandemia algumas ações mais diretas de formação voltada aos migrantes surdos foram mais limitadas, visto que não possuem recursos tecnológicos para usufruírem das formações. Algumas famílias chegam a usar o mesmo celular e o uso de dados móveis não permitia uma interação mais efetiva, por isso algumas ações precisaram ser presenciais. Outras ações foram planejadas, como o curso de formação de instrutores de LSV e Mediador Cultural, curso de surdocegueira e migração e o curso de formação de professores. Ações não possíveis por fatores como falta de apoio logístico e recursos humanos, financeiros e tecnológicos.

Resultados e considerações sobre o projeto

O projeto de formação para o trabalho com migrantes surdos nasce na pandemia com ações realizadas, em sua maioria, de forma remota frente ao cenário pandêmico em que não era possível realizar ações totalmente presenciais. Em pouco tempo de desenvolvimento do projeto foi possível ofertar mais de quinze ações entre cursos e mini-cursos, rodas de conversas e palestras, certificando mais de mil participantes. As ações atenderam prioritariamente as demandas das comunidades: dos discentes, dos surdos e dos agentes humanitários.

Com as experiências, quase sempre inéditas, percebe-se que o trabalho demandado pela presença de surdos migrantes requer linhas e perspectivas variadas frente as complexidades e interseções dos campos e saberes. Os aspectos de bem-estar e melhoria de vida estão no centro das atividades, em seguida levar informações sobre as especificidades linguísticas das comunidades e aprender sobre direitos e possibilidades e como auxiliar os surdos a terem esses conhecimentos tem sido vetor das ações. Ações voltadas a formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais tem colaborado para mudanças políticas no estado, bem como contribuído com a importância do elo entre ensino e extensão para o ser-fazer profissional. Ainda nessa perspectiva, o trabalho desenvolvido pretende ampliar suas ações para atender demandas de cunho educacional, questionando sobre os processos e agentes necessários a educação para a diversidade e que considere as línguas de sinais maternas das comunidades envolvidas. ◀

Referências

- ABRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença/O que é Covid-19**. 2020. Disponível em <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 19 de nov. de 2022.
- BENTES, T.; ARAÚJO, P. J. P. *¡Sordos también migran! A invisibilidade de migrantes surdos e o papel do intérprete humanitário*. CBEAL: Memorial da América Latina/ACNUR, 2021.
- BENTES, T.; TEÓFILO, B.; PAIVA, A. **Migrantes e refugiados surdos em Roraima**. In: OLIVEIRA, M. M. de; LUTTNER, C. M. A.; SANTOS, R. D. M. (orgs.). *Coletânea Migração e Wash: reflexões sobre o contexto de Roraima*. Vol. 1. Boa Vista: Cáritas Brasileira/EdUFRR, 2020.
- PEREIRA, L. B. **Extensão Universitária e Políticas Públicas**. *Revista Extensão e Cidadania*, 2013.